

A Grande Muralha 2.0

A China já exporta métodos de censura na internet

Diz-se da internet que ela resiste a tudo. Qualquer tentativa de censurá-la estaria fadada ao fracasso. Segundo especialistas, o fluxo de informações que circula pelo universo virtual não pode ser detido. A China ignora os especialistas - infelizmente.

As autoridades chinesas cunharam a expressão "Escudo Dourado" para se referir ao sistema de censura da internet mais sofisticado do mundo. Seus detratores referem-se à barreira como "O Grande Firewall da China", num trocadilho com a Grande Muralha da China. Independentemente do nome escolhido para batizá-la, a muralha virtual superou recentemente sua primeira prova de fogo.

Desde março a violenta reação do governo chinês aos tibetanos gera protestos em todo o planeta - tanto no mundo virtual quanto no real. Mas na República Popular da China o ciberespaço se transformou em território de defesa de ideais nacionalistas. Instados pela imprensa estatal, usuários de internet inventaram maneiras criativas de expressar indignação com os manifestantes estrangeiros. Da noite para o dia, milhões de chineses plugados ao MSN acrescentaram ao próprio nome de contato o ícone de um coração vermelho ao lado da palavra "China". Blogueiros pediram boicote a produtos alemães, franceses e americanos. A ira nacionalista foi tão grande que o governo de Pequim teve que intervir. E os protestos saíram do ar. Como os vigias do partido comunista chinês foram capazes de controlar o fluxo de informações com tanta precisão?

A resposta está nos computadores de monitoramento, espinha dorsal do sistema de segurança chinês. Eles acompanham, 24 horas por dia, a enxurrada de informações online. As máquinas são controladas por um exército de mais de 30 mil censores oficiais. Essa vigilância aumenta em ritmo acelerado, já que o número de internautas chineses registra taxas recordes de crescimento. Em fevereiro

Três termos bloqueados pelos filtros: Tibete, Taiwan e Tiananmen (Praça da Paz Celestial)

a China chegou ao posto de nação com mais usuários da internet no mundo (221 milhões, contra os 220 milhões nos Estados Unidos). Especialistas acreditam que Pequim já exporta métodos inovadores de censura para países como Irã e Vietnã. E os pesquisadores ocidentais que estudam as fundações da Grande Muralha 2.0 descobriram que os censores chineses são rápidos, discretos e avançadíssimos.

Segundo os pesquisadores ocidentais, os chineses estão na vanguarda em termos de vigilância na internet. Eles sobressaem não apenas por exercer um

controle rígido do conteúdo acessado pelos usuários, mas também por seus métodos flexíveis e criativos de monitoramento. "A Muralha 2.0 chinesa é descentralizada, móvel e sutil", explica Daniel Zinn, estudante de pós-graduação do Departamento de Ciências da Computação da Universidade da Califórnia. "Ela funciona, acima de tudo, a partir de palavras-chave definidas pelas autoridades." Isso significa que não há censura a domínios inteiros, como ocorre com os sites israelenses nos Emirados Árabes Unidos. Ao contrário: o bloqueio atinge apenas páginas individuais, que contenham algum dos termos pré-estabelecidos pelo filtro oficial. A maioria das palavras está relacionada a três assuntos particularmente delicados para Pequim: "Tibete", "Taiwan" e "Tiananmen" (Praça Celestial, em referência à praça onde houve o massacre de 4 de junho de 1989). Mas a lista inclui muitas outras palavras, como "Falun Gong" (meditação oriental proibida pelo governo chinês), "Mein Kampf" (título da autobiografia de Adolf Hitler) e "democracia". Em



Cidadãos em cybercafé: dribles nos

geral a tentativa de acessar uma página suspeita conduz o usuário a uma mensagem de erro. Por isso a maioria dos internautas evita chateações e simplesmente não se arrisca a digitar esses termos em suas buscas. Só assim pode navegar em paz.

Os usuários rebeldes, por sua vez, se divertem com o jogo de gato e rato entre blogueiros e censores. Essa turma brinca de tepear os vigias e gosta de descobrir novos termos para buscar temas com alta carga política. Um exemplo: para pesquisar sobre o massacre na Praça da Paz Celestial, o usuário entra com a data do episódio em forma de código - ou seja, digita "198964" (em tempo: esse código já está bloqueado). De vez em quando a busca por uma palavra suspeita faz surgir na tela o desenho de dois personagens pequeninos, com olhos saltados, vestindo uniforme policial. É um lembrete de que o Grande Irmão está sempre alerta, navegando ao lado de qualquer um.

O ponto forte da Muralha 2.0 é seu aspecto imprevisível. Ainda que haja milhares de censores trabalhando ininterruptamente, eles têm

A "polícia virtual chinesa": personagens animados brotam na tela como advertência





espíões do governo para acessar páginas de conteúdo político

de patrulhar milhões de blogueiros, e seria impossível monitorar todos os textos publicados por cada um deles. Por isso, enviar recados ameaçadores é uma maneira mais eficiente de incentivar o usuário a se autocensurar.

Outra receita de sucesso é delegar a censura. A tarefa de observar páginas de conteúdo duvidoso é compartilhada com provedores de acesso, de conteúdo e com gerentes de cibercafés. As sentinelas do governo atualizam as empresas várias vezes ao dia, em geral por meio de mensagens de texto enviadas por celular. Para evitar problemas, os provedores preferem pecar pelo excesso - e censuram mais do que seria necessário. Quem não se enquadra no esquema é submetido a penas draconianas. Nem mesmo empresas americanas, como o Google, escapam do castigo. Durante muito tempo o mecanismo de busca do Google não podia ser acessado da China. A empresa relutou, mas finalmente decidiu criar uma versão censurada para os usuários chineses.

O Google não está sozinho. Outras empresas americanas de tecnologia que atuam em

esfera global fazem discretamente o jogo das autoridades chinesas. É o caso da Cisco e da Microsoft. A polêmica participação do Yahoo! na prisão do jornalista chinês Shi Tão, em 2004, comprova que a linha que separa o interesse comercial do colaboracionismo é extremamente tênue. No episódio, o Yahoo! repassou detalhes pessoais do jornalista para o governo chinês. Opositor da política de Pequim, Shi foi condenado a dez anos de prisão. O caso de Shi não é isolado. Números divulgados pela Repórteres sem Fronteiras, organização que luta pela liberdade de imprensa, revelam a fragilidade dos dissidentes que se aventuram pela internet na China. A entidade calcula que 48 dos 63 "ciber-dissidentes" presos no mundo estão encarcerados na China.

Com a proximidade do início das Olimpíadas, os censores chineses têm mais motivos para refinar as técnicas de controle. Diante da perspectiva de receber centenas de jornalistas estrangeiros em agosto, o governo de Pequim preparou uma versão paralela da internet, com acesso liberado a quase todas as páginas do



site da *BBC* e da *Wikipédia*. Enquanto isso a legislação continua a apertar o cerco. Uma determinação recente estabelece que qualquer site privado de compartilhamento de vídeo tem de ser autorizado pelo governo. Além disso, o estado tem direito a participação majoritária nos provedores desses sites. A justificativa é simples: é mais difícil filtrar arquivos de vídeo do que arquivos de texto.

Por outro lado, o especialista em novas mídias Andrew Lih, que vive em Pequim, ressalta que a Muralha 2.0 não é intransponível. "Qualquer pessoa com um mínimo de conhecimento saberá encontrar maneiras de driblar a barreira", diz. Nas salas de bate-papo chinesas, um dos temas recorrentes são os inúmeros truques possí-

veis para driblar os espíões do governo. Uma das ferramentas mais queridas é o Gladder (contração de "Great Ladder", ou Grande Escada, em inglês), uma extensão de browser que ajuda o usuário a escalar a muralha virtual. O nome pode parecer divertido aos estrangeiros, por sugerir uma traquinagem típica de alunos de colégio interno na calada da noite. Mas um blogueiro chinês de Changsha sugere cautela na hora de se aventurar em tais expedientes. Caso contrário, diz ele, "o serviço de segurança poderá bater à sua porta a qualquer momento". Essa é uma possibilidade real - e que não tem graça nenhuma.

Hilmar Schmundt e Wieland Wagner,
Der Spiegel